

## REGATA LISBOA - MADEIRA

Um aspecto da Regata Océânica, a mais importante que se tem efectuado em Portugal, de duração provável de 4 a 5 dias, que começou a disputar-se no passado domingo, com a participação de seis iates. «Saltillo» e «Ribomar» à partida.

# Stadium

N.º 397 ★ 12 de Julho de 1950 ★ 2\$50



# AS SURPRESAS

## do CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL

Especial para «Stadium», de CANDEIAS ALVAREZ — Rio de Janeiro

**N**ÃO é de agora, nem é já novidade as constantes surpresas que este Campeonato Mundial de Futebol nos proporciona e nos proporcionará. Foi assim em 1934, em 1938. É assim em 1950 e serão-lo pelos tempos fora. Os fracos tornam-se fortes e os fortes servem por vezes — e por incrível que pareça — de cobaias. Reside nessa incerteza a sensação dos campeonatos.

A nova regulamentação que dividiu os participantes da Copa Jules Rimet em quatro séries constituídas por quatro seleções para cada uma delas teve como intuito uma preparação de apoteose final na qual estariam presentes os respectivos vencedores antecipada e um tanto levianamente eleitos pela maioria não só da crítica como dos próprios desportistas.

Os quatro cabeças de Série — Brasil, Inglaterra, Itália e Uruguai — eram os cem por cento favoritos e dentre eles, na chamada *finalissima* facilmente também já era apontado o vencedor: Brasil.

Ninguém se recordou das possíveis surpresas que poderiam advir no decorrer do torneio máximo. A própria Confederação Brasileira de Desportos, depois do sorteio, dispôs os jogos de molde a permitir não só grandes rendas, como ainda proporcionando aos mais fortes os primeiros encontros «fáceis» de forma a que passassem incólumes pelos obstáculos iniciais.

México, Chile, Suíça, Estados Unidos, Suécia e Bolívia, seriam as primeiras vítimas. Fora de conjecturas a possibilidade de resistência vitoriosa por parte destes. Só o pensar em êxitos de qualquer deles fazia rir o mais céptico. Os suíços depois da derrota frente aos jugoslavos em Berne, pelo seu passado futebolístico e ainda pelo desconhecimento quase que absoluto na América do Sul do sistema tático adoptado — o ferrolho — que até agora a imprensa do Brasil não conseguiu explicar convenientemente, complicando demasiado e desnecessariamente uma charada fácil de decifrar — estavam conceituados como adversários capazes de elevar o nível de um espectáculo sem contudo lhes ser dado o favoritismo para vencerem qualquer dos «fortes».

Os suecos, depois da visita feita ao Brasil pelo Malmoe em 1949, quando andaram perdendo por todo o Mundo, não eram levados a sério. Verdaderamente, dos treze comparticipantes somente a Jugoslávia — quase uma incógnita — e a Espanha eram consideradas como pretendentes

sérios a emparelharem com os ingleses, uruguaios e brasileiros.

Mas as surpresas do campeonato surgiram logo na primeira jornada, quando os pretensos bissonhos suecos cometeram a proeza de vencer a Itália, bi-campeã mundial de futebol e que se prevava de nunca ter perdido um encontro em campeonatos do género. Sensação enorme. E pensou-se: — Se os suecos foram capazes de tal feito, os outros serão capazes de lhe seguirem o exemplo? E de facto, não foi preciso mais que quatro dias para justificar a expectativa. Mas, vencidos os suecos pelos paraguaios, teria ainda a *azurra* possibilidades de reabilitação num novo prélio contra os escandinavos, no qual ficaria demonstrada onde estava a superioridade. Vencedores os nórdicos sobre os guaranis, restaria aos latinos arrumarem as malas e regressarem ao Velho Mundo. Afinal verificou-se um empate e as possibilidades de mais 15 dias no Brasil desapareceram. Mas ficou ainda como lenitivo para os italianos a vitória insofismável e clara por 2 a 0 sobre o Paraguai no encontro de despedida e último da sua série para prêmio de consolação. E lá partiram, se não contentes, pelo menos cónscios de que — se mais não fizeram foi porque não puderam.

O seleccionado brasileiro que havia vencido os mexicanos por 4 a 0 se bem que em tarde pouco risonha foi a São Paulo conceder um empate aos suíços num jogo atribulado em que as culpas gerais foram lançadas sobre o árbitro Ramon Azon. De facto o juiz espanhol só teve o senão — e grave senão — de permitir o jogo violento.

Ninguém acreditava no «ferrolho» e a diagonal saiu-se mal do confronto. Os jogadores brasileiros não tiveram inteligência para descongestionarem a grande área suíça onde por vezes se achavam dez jogadores numa tentativa heroica de conservar as redes invioláveis. Este facto foi um empate aparentemente precioso para os jugoslavos que, de um momento para o outro, se viram guindados a comandantes da série devido à sua vitória sobre o México por 4 a 1 num jogo que começou muito bem, mas acabou com uma cena desalegrante de pugilato.

Mas para cúmulo, nessa segunda jornada, surgiu a surpresa das surpresas. A poderosa Inglaterra baixava bandeira ante a selecção norte-americana. Quem seria capaz de prever tal resultado que ficará gravado a letras de ouro como feito mais brilhante de todos os tempos?

O poderoso esquadrão da *old england* vencido pelos sobrinhos do Tio Sam, que somente dedicam o seu tempo à prática do *baseball*, *rugby* e *box*, com todos os Sussas, alguns já carecas, os Macas e os Colombos.

Proeza inacreditável! Mas — compreensível. A selecção inglesa nunca compareceu nos Campeonatos Mundiais de Futebol. Raramente mesmo, se dispunha a além-fronteiras dar luta a qualquer outro seleccionado. Agarrada aos preconceitos de que numa equipa que ganha não se mexe, mesmo que durante o encontro se verificarem falhas em diversos sectores, convencida de que o poderio do futebol estava na sua posse, limitavam os ingleses as suas actividades aos jogos de Campeonato inter-clubes, ao torneio da Grã-Bretanha e nos finais de época a dois ou três jogos internacionais género *salto de fim de estação* e em que a ganhar ou perder pouco interessava. Interessava, sim, era proporcionar aos seus internacionais umas merecidas férias de repouso em qualquer rincão da Europa.

Mas o conhecimento do desenvolvimento do «association» no Mundo levou-os a raciocinar e a saírem da «toca». O confronto não foi dos mais lisongeiros. Indiscutivelmente que são de facto grandes jogadores, autênticos professores catedráticos, mas que não têm, nem sentem a chama da vontade indômita que caracteriza o futebol latino. São frios, calculistas e práticos. No entanto também apresentam os seus defeitos. Mas, quem os não tem? A derrota que sofreram contra a Espanha e que os eliminou das *finalissimas* terá concerteza o condão de espevitado os brios ingleses tão pouco habituados a «perderem a última batalha». Foi uma derrota honrosa, é certo, mas ficou pelo menos na retina de todos nós a lição de futebol que proporcionaram aos 130 mil assistentes que acorreram ao Estádio Municipal.

Venceram os espanhóis pela vontade, pela «fúria» tão tradicional e pelo coração. Não foram melhores, nem piores. Foram sim, mais modestos na concepção das jogadas num contraste eloquente com os primores da técnica de um Finney ou de um Billy Wright, ou ainda de um Mortensen, extraordinário interior.

Os brasileiros, cónscios de que a concessão de um novo empate aos balcânicos os afastaria também da série final, resolveram bem amparados pelas 180 mil pessoas — sim leitor, 180 mil pessoas — demonstrar o quanto vale a fibra de onze homens para se

conquistar uma vitória contra uma equipa que, quanto a nós, nada fica a dever à Inglaterra na concepção das jogadas e no conjunto. Foi uma partida emocionante ao cabo da qual a selecção brasileira fez as pazes com os seus desportistas e torcedores. 2 a 0 foi o resultado, mas poderiam ter sido 3 se o árbitro não tivesse anulado um gol de Zizinho, por pretensa deslocação.

Ademir, Zizinho, Bauer e Danilo, foram os expoentes da equipa, com referência especial para Zizinho que resolveu *comer bola* como se diz na gíria carioca. Desfizem-se assim as ilusões que porventura os jugoslavos ainda mantinham.

E chegou-se ao final da primeira parte do Campeonato Mundial com três Países de origem latina e um só de origem nórdica classificados.

Brasil, Espanha, Uruguai e Suécia. Dos encontros entre si dependerá o futuro Campeonato Mundial.

Quanto a nós elegemos os brasileiros franco-favoritos. Resta saber se saberão manter a mesma disposição para a luta que tiveram contra os jugoslavos. Se assim for... são favas contadas. Os espanhóis serão talvez os seus mais sérios adversários, logo seguidos pelos uruguaios. Aguardemos pois.

Uma coisa ficou provada neste Campeonato e que nos interessa frizar. A presença de Portugal teria sido um êxito. A visão do nosso camarada Tavares da Silva, o único que defendeu até ao fim a viagem dos portugueses era exacta. Mas mesmo assim, o nosso futebol subiu na cotação mundial. Depois do empate contra a mesma Espanha e contra a Escócia e depois ainda da vitória dos espanhóis contra a Inglaterra para quem perdemos por 5 a 3 com dois golos de *penalty* subimos de cotação.

### Últimos resultados

Em S. Paulo: Espanha 2 — Uruguai 2.

No Rio de Janeiro: Brasil 7 — Suécia 1.

**S**EGUNDO o famoso crítico desportivo W. Truman, os melhores jogadores ingleses da temporada que acaba de findar foram, por esta ordem: Bert Williams, guarda-redes nacional e do Wolverhampton, e o alemão Bert Trautmann, guarda-redes do Manchester City, clube que este ano desceu para a Segunda Divisão. No terceiro posto vemos Tommy Briggs, dianteiro do Grimsby Town, melhor marcador da Liga, com 40 golos e, finalmente Dicky Davies, avançado centro do Sunderland, melhor marcador da I Divisão, com 29 tentos.

Esta lista tem mais de duas dezenas de nomes e é muito considerada, pois W. Truman é um dos críticos ingleses mais cotados e admirados na Inglaterra.

# Mário Fázio e Felix Bermudez

formaram a melhor equipa das «24 HORAS DE LISBOA»

Em 2.º lugar ficou o Louletano. Bevilacqua distinguiu-se entre os italianos

AS «24 horas» deste ano tiveram menos público, mas não foram das piores da série que o Benfica e o Sporting têm organizado. A prova teve, de facto, movimentação, embora decaindo manifestamente de interesse no período final. A movimentação deu-se, porém, a cerca de meia-prova. E provocou um desgaste que afastou quase todas as equipas da possibilidade de triunfo, algumas delas afastadas até em condições de tornar pouco fácil tentar a recuperação de voltas perdidas.

No fim do primeiro período de competição, às cinco horas, de madrugada, as dez equipas estavam ainda em igualdade de voltas, para uma diferença de pontos que não era muito sensível. Perto do meio-dia, algumas das equipas atrasadas em pontos pretenderam subir na escala. A batalha travada sacrificou várias formações. Depois do almoço, registou-se a parte mais emotiva da prova — a movimentação imposta pelo Louletano. Foi o começo de desagregação. As vinte horas, encontravam-se regularmente definidas as posições. Sporting A, à frente, uma volta de avanço; Louletano, em segundo; italianos, terceiros a uma volta, e Sangalhos, em quarto, com o mesmo número de voltas do Benfica A.

Na última parte das «24 horas», a luta, as fugas, tudo isto, que dá emoção às «americanas», e os prémios particulares que a traduzem, tudo isto, inamos dizendo, se ressentiu do estado de espírito criado pelas posições das equi-

pas: o Louletano, a defender-se do par Bevilacqua-Alfio Fázio; e o Sangalhos a «segurar» a marcha do Benfica A. Houve, por isso, falta de iniciativa; e o Sporting A pôde abrir um período de ampliação do avanço em voltas, chegando a nove. Todas as tentativas dos italianos foram anuladas, valorosamente, por Joaquim Apolo e Cristina. Quando as duas equipas do Benfica reagiram, tornou-se possível reduzir o avanço ganho pelo Sporting, e o Benfica B pôde ultrapassar a formação B dos «dozes». A última meia hora provocou, assim, grande entusiasmo. Mas para o «sprint» derradeiro as equipas voltaram à marcha morosa, em preparação para a «demarragem» do assalto para a «meta». Bevilacqua atacou em boa altura. E foi o primeiro a passar sobre o risco da «meta».

**Classificação final** — 1.º Sporting A (Fázio e Bermudez), 1286 voltas (585,45 quilómetros) e 142 pontos; 2.º Louletano (J. Apolo e Cristina), 1278 voltas; 3.º Bevilacqua, Alfio Fázio 1276; 4.º Sangalhos (Emílio e Manuel Rodriguez), 1272 voltas e 87 p. 5.º Benfica A (Imperio e José Martins), 1272-49; 6.º Benfica B (Edgar e Palmeiro), 1271 voltas; 7.º Sporting B (A. Lopes e Mourão), 1259; 8.º Campo de Ourique (A. Coelho e Fortunato Pereira), 1249. A média horária da equipa vencedora foi de 30,813.

Desistiram as equipas do Porto e do Académico.

M. de O.



## ATLETISMO

No Pentatlo para juniores foi melhorado o recorde nacional

Adiados os campeonatos regionais de juniores por estar ocupado o estádio do Lumiar, resolveu a Federação aproveitar a data para organizar o Pentatlo nacional reservado aos atletas daquela categoria; esqueceram-se, porém, os dirigentes de comunicar a decisão com a devida antecedência para o Porto, solicitando da associação local que adiasse também a jornada dos seus regionais e encontrou-se assim ante uma situação de incompatibilidade que, por indicação superior foi transformada sem prejuízo, dando ao pentatlo carácter apenas regional.

Aproveitando a oportunidade, a Federação incluiu no programa duas provas de apuramento para o encontro com a Espanha: o lançamento do martelo onde, na falta de Manuel da Silva, o junior Albuquerque alcançou excelentes 39<sup>m</sup>,93, terceira marca portuguesa que o classifica como futuro campeão e Eduardo Cunha 36<sup>m</sup>,94, batendo Bustorff Ferro, que reapareceu e atingiu 36<sup>m</sup>,66.

A outra prova, 10.000 m., nada valeu; Filipe Luís ganhou em 34 m. 7,6 s., o que não é mau, porque é péssimo, mesmo levando em conta a temperatura e o vento.

O Sporting também se valeu da ocasião para melhorar o recorde nacional da estafeta olímpica, levando-o a 3 m. 30,8 s., com Eduardo Silva, Canhão, Rui Maia e J. Machado, que correram sem adversários.

O Pentatlo, que reuniu nove concorrentes, forneceu muito bons

Série II — Ano VIII — N.º 807  
Lisboa, 12 de Julho de 1950

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.<sup>ª</sup>  
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

resultados: Cameira, do Sporting saltou em comprimento 6<sup>m</sup>,39; lançou o dardo a 37<sup>m</sup>,78 e o disco a 23<sup>m</sup>,98; correu 200 m. em 23,4 s., e os 1500 m. em 4 m. 38,4 s., totalizando 2590 pontos, novo recorde e segundo resultado português em todas as categorias.

O seu único rival foi Calça e Pina, do Colégio Militar que, nas mesmas provas obteve: 6<sup>m</sup>,37; 43<sup>m</sup>,04; 34<sup>m</sup>,04; 25,5 s. e 5 m. 29,8 s., equivalentes a 2430 pontos.

O terceiro classificado, Cruz, do Benfica, somou 2084 pontos.

Embora excedendo o limite habitual destas crónicas, não queremos omitir referência à satisfação causada pelos resultados dos juniores portugueses, nota frisante de ressurgimento; os dois novos recordes nacionais de Eugénio Lopes, 13<sup>m</sup>,70 no triplo (5.ª marca portuguesa) e 41,8 s. nos 300 m. barreiras são notáveis e francamente bons os novos máximos nortenhos do braçarense Antunes nos 200 m., 23,5 s. e do portuense Sousa na légua, 16 m. 25,7 s. — S. C.

## A EQUIPA DO PORTO regressa dos Açores

Em baixo, a equipa do F. C. do Porto, no dia em que se apresentou em S. Miguel, nos Açores. Ao centro vê-se uma ilustre senhora açoreana, que foi madrinha dos portugueses. Ao seu lado esquerdo está o 1.º tenente de Marinha Ernesto Allen, fervoroso adepto do F. C. do Porto e promotor desta excursão aos Açores. Ao lado, um aspecto do grupo e algumas gentis senhoras, antes do seu desembarque em S. Miguel. Aos jogadores nortenhos tinham sido oferecidos ramos de flores por damas micalenses.



Campeonato Regional de Juniores



Marques, do Académico, vence a prova de 5.000 metros, estabelecendo novo recorde regional



Eugénio Lopes, ao bater o recorde nacional do triplo salto



Fase da prova de 300 metros barreiras. O terceiro concorrente a partir da esquerda, foi o vencedor em tempo recorde nacional

**CARLOS ALVES**, um dos mais célebres internacionais do futebol do passado, é hoje treinador. Era um fenómeno: jogador e homem cheio de personalidade e pitoresco, diferente de todos os outros — dentro e fora do rectângulo.

Criou certamente uma «escola» no posto da defesa, trocando a entrada dura e o pontapé forte, característica desses tempos, pela intervenção subtil e astuciosa e pelo passe de boa medida e de colaboração com os médios. Na vida prática, Carlos Alves mantinha a mesma graça do jogador em campo, na sua *verve* refulgente de ironia gaiata e popular.

Há muito que não víamos Carlos Alves, o jogador de luvas, que a nossa fotografia apresenta num corte harmonioso de cabeça, e tivemos a oportunidade de reconhecer que o homem é o mesmo, apenas mais vincadas as rugas do rosto.

Foi numa das sessões práticas do já famoso Curso de Treinadores, e logo o conhecido defesa internacional e do Carcavelinhos, num piscar de olhos sugestivo, desabafava um pouco: — *Mas como é que se pode ser treinador sem executar, quer dizer, sem mostrar aos jogadores como se deve fazer?*

Das outras palavras que ele disse já nos esquecemos, mas não deixavam de ter a marca da personalidade e do pitoresco daquele jogador que deixou um sulco profundo no futebol português.

Por virtude do Alba ter deixado de praticar futebol, Carlos Alves deixou de ser ali treinador. Mas um valor do Jogo não se poderá perder, crendo nós que aquele que foi internacional famoso continuará brilhantemente a sua carreira de treinador.

na Capital do Norte



Fase da prova de Anlorinhas entre velejadores do Vela Atlântico (Porto) e espanhóis de Vigo



O barco vencedor de Pedro Marocho e Nuno Bizarro

PING-PONG CORPORATIVO

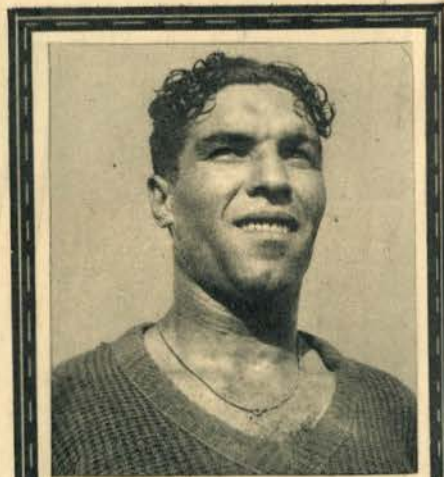
CAMPEONATO NACIONAL



A equipa do Grupo Desportivo do Instituto de Peixe - Lisboa — campeã da 2.ª categoria



A equipa do Sindicato Nacional de Seguros - Lisboa — campeã nacional



A cerveja é a minha bebida preferida

*João Soares*

UM COPO DE CERVEJA É UM COPO DE SAÚDE

# ESPAÑA, 1 — INGLATERRA, 0



Antes do início do Espanha-Inglaterra os dois capitães trocam os cumprimentos da praxe. São eles Billy Wrigth, da Inglaterra, e Gainza, da Espanha



Ramallets, a radiosa promessa que os espanhóis apresentaram no Campeonato Mundial e que pelas suas extraordinárias faculdades desbancou o nosso conhecido Eizaguirre, prepara-se para defender um remate dos avançados britânicos ante os olhares de Gonzalo II e Parra

## As vitórias de ESPANHA no Brasil

ENTREVISTAS RELÂMPAGOS  
Depois da derrota da Inglaterra

**D**EPOIS do encontro Inglaterra com a Espanha que terminou com a vitória dos últimos, dirigimo-nos às cabines dos jogadores dispostos a arquivar as suas opiniões.

Sábiamos de ante-mão que só com dificuldade conseguiríamos entrar no vestiário destinado aos espanhóis visto que os membros da sua colônia radicados no Rio de Janeiro haviam feito uma espécie de assalto àquele reduto para felicitar os seus patriotas.

Com muito custo e muitos pedidos de licença, lá conseguimos passar a entrada e logo de caras demos com o seleccionador Guilherme Eizaguirre, que, depois das felicitações da praxe, se prontificou a atender-nos.

— Foi um triunfo inolvidável. Vencemos

primeiro tempo. agradecer tanto.

Já quando nos retirávamos encontramos Finney e Milburn que se mostravam queixosos.

— Finney ao abordá-lo disse-nos com aborrecimento:

— Os espanhóis usaram uma tática que nós jamais empregariamos. A obstrução que nos faziam é imprópria de desportistas.

Milburn que se achava ao lado concluiu:

— Todas as vezes que penetrei na área fui agarrado pelas mãos. Fui contido ilegalmente nem sei quantas vezes.

— Erro de arbitragem, Milburn?

— Talvez um pouco de tolerância do juiz da partida, respondeu-nos.

CANDEIAS ALVAREZ

# ESPAÑA, 2 — CHILE, 0



Zarra, sempre na brecha, tenta rematar de cabeça, o que não consegue devido à intervenção de Livingstone que neste encontro salvou o Chile de um resultado catastrófico



Basora, o dinâmico extremo-direito da selecção espanhola, marca o primeiro golo para a sua equipa aproveitando-se de uma desinteligência da defesa chilena



O segundo golo da Espanha, «à lá Poyroteo» Zarra, ainda no seu meio campo, recebeu um passe de Alonso e progredindo no terreno driblou quantos adversários tentaram opor-se-lhe conseguindo num último esforço, desfeitar Livingstone que tentara arrojar-se-lhe aos pés. Tal como Poyroteo

os mestres do futebol em partida limpa e perante o maior público jamais presente a um encontro de futebol.

A azáfama era grande e D. Guillermo não chegava para os abraços.

Lá no fundo Zarra falava, pulava e cantava como uma criança.

— O golo foi meu! O golo que causou a maior emoção da minha vida de desportista.

E concluiu:

— Nunca me senti como neste momento em que nos classificámos para as finais do IV Campeonato Mundial.

Gainza, o capitão da selecção e que esteve em riscos de não tomar parte no encontro devido a uma distensão que sofreu contra os chilenos, disse-nos:

— Estava de facto contundido. Mas era preciso dar tudo por Espanha. Jogava a minha carreira se fosse preciso. Exigiram que eu actuasse. Era de facto o que eu esperava, pois não podia conceber a ideia de ficar sentado a assistir. Tive sorte e a Espanha ganhou. Arriba Espanha!!!

Panizo disse-nos.

— É a terceira vez que defrontamos os ingleses. Perdemos uma e ganhámos duas. Logo, estamos à cabeça...

Tínhamos ali terminado o nosso serviço e deixámos os «cracks» espanhóis às voltas com os amigos e fizemos rumo para o vestiário dos ingleses onde nenhum gesto, nenhuma atitude traía a clássica serenidade dos mestres. O manager inglês estava fumando e fumando continuava quando nos acercámos. Já sei, o que quer disse-nos:

— Agora, só nos resta voltar para casa. Satisfeito com os resultados?

— Não! Nem sequer com a produção da equipa. Compreendo que não satisfizemos o público. Não conseguimos nem realizar um pouco do nosso habitual. E isso foi o mais lamentável.

Stanley Matthews, o Fiteceiro da Bola disse-nos:

— O encontro teve duas partes distintas. Uma, ótima, sobre todos os pontos de vista — o A outra, não chegou a

# SETE ASSUNTOS DE HÓQUEI EM PATINS

1 — É seguramente o mais importante acontecimento do lote: — a F. P. Patinagem e a A. P. Sul, em conjunto, mudaram as suas acanhadíssimas instalações da rua do Jardim do Regedor para uma casa mais desajogada na do Duque de Palmela. Está claro que, como a modalidade subiu já muito alto no concerto internacional (quatro campeonatos do Mundo parecem ser o suficiente como afirmação de valor!) também os federativos e associados «em grandes», se alcaudoraram a... um sexto andar — mas em prédio moderno e com elevador e todas as condições necessárias. Diga-se, porém, que os dois organismos (de sede comum) estão belamente instalados, sem luzes excessivos, mas decentemente, o que se não verificava nos antigos cubículos do edifício das portas de Santo António. Foi, na realidade, um magnífico «passo em frente», a merecer inteiro aplauso.

Ao acto inaugural, precedido de uma visita da Imprensa, presidiu o major Carvalho Nunes, em representação do Chefe do Estado, que se fazia acompanhar do coronel Sacramento Monteiro, director geral dos Desportos e representante do ministro da Educação Nacional.

2 — Os campeões do Mundo inauguraram no próximo domingo, em Leiria, o rink do Ateneu local. Eis, pois, uma excelente oportunidade para os desportistas da cidade do Lis verem e aplaudirem os honrosos vencedores de Milão. E, ao que parece, as «visitas» devem ter acabado... Realmente, já era tempo de se dar um pouco de sossego aos jogadores, tanto mais que o campeonato não deve ser uma simples brincadeira, principalmente no que respeita aos rivais Hóquei de Sintra-Paço de Arcos, reacendida agora a luta

por via dos triunfos sintrenses nos últimos torneios de 1949.

3 — A propósito de campeonatos: começaram já ambos: o da II Divisão no dia 5 (com Algés, Caldas, Colégio Militar, Cuf do Barreiro, Estremoz, Hóquei e Lisgás) e o da Divisão Superior (Académica da Amadora, Ateneu, Benfica, Campo de Ourique, Cascais, Futebol Benfica, Hóquei de Sintra, Paço de Arcos, Parede e Sporting de Oeiras) no domingo. Registe-se a estreia no torneio dos clubes da Luz e do Estremoz e o «desaparecimento» do Naval Setubalense. A vinda dos alentejanos, assim como a insistência dos caldenses, merecem acariñar-se pelo que representam de material e vontade de ser útil à causa.

4 — Sintra prestou homenagem aos seus campeões: o Hóquei e os jogadores Cipriano, Edgar e Raio. O Município, conforme prometera, galardoou o clube com a medalha de ouro do concelho, oferecendo prémios de valor aos três atletas citados. É o tributo da região aos seus mais categorizados desportistas e ao clube n.º 1 da ridente vila.

5 — Benfica e Paço de Arcos voltaram a defrontar-se, em categorias inferiores, para as taças «José Carlos» e «dr. Santos Pinho», pois naqueles recentes torneios tinham ficado com igual pontuação. As duas partidas, aguardadas com bastante interesse, disputaram-se em Campo de Ourique e despertaram muito entusiasmo.

6 — Uma novidade: a revista «Patins», única publicação da especialidade editada na Europa, vai entrar em nova fase. Suspensa há algum tempo, para remodelação dos seus serviços administrativos, reaparecerá, em breve, subordinada a moldes inteiramente diferentes, portanto mais de harmonia com os interesses cada vez maiores do hóquei e da patinagem. Excelente veículo de propaganda e desenvolvendo vários temas de carácter técnico, «Patins», que veio preencher uma lacuna, pode e deve afinal ser o autêntico e imprescindível baluarte daquelas modalidades. E talvez que as suas condições de existência sejam agora melhores com a nova ordem de trabalhos que se lhe pretende imprimir.

7 — Prestou homenagem o Académico (do Porto) ao seu dedicado atleta António Ribeiro. Nada mais justo. Trata-se de um veterano das lides hóquísticas e de um dos mais corretos jogadores nortenhos. Ao homenageado foi oferecida pelo clube uma medalha como prémio do seu labor de muitos anos. Também os internacionais Figueiredo e Manuel Soares, do Infante de Sagres, receberam galardão idêntico. E, por último, ainda falando de «coisas de lá do norte» noticie-se que o Hóquei da Curia promoveu e ganhou um torneio disputado naquela estância termal.

JORGE MONTEIRO

## NATAÇÃO

# O SPORT ALGÉS E DAFUNDO

### CONQUISTOU A TAÇA «FERNANDO SACADURA»

QUANDO em 1944, Fernando Sacadura completou vinte e cinco anos de actividade desportiva, sempre em representação do Sport Algés e Dafundo, este clube resolveu, e muito bem, instituir uma taça com o nome do seu valoroso atleta — nadador eclético, jogador de «water-polo» de grande classe.

De então para cá, o interessante trofeu tem-se disputado com regularidade todos os anos, ainda que prejudicado, no aspecto desportivo, pela ausência de rivalidade clubista. Com seu programa todo constituído por provas de estafetas — provas emotivas por excelência — a taça «Fernando Sacadura» disputada por bom núcleo de equipas de valor aproximado resultaria magnificamente como espectáculo. Tal não se pode verificar, porém, devido às características actuais da nataçãõ portuguesa e, de facto, o festival de domingo último, no aspecto competiçãõ não resultou.

O Algés não teve dificuldade em impor-se, vencendo cinco das seis provas que compunham o programa.

Nos 3 x 33 metros, estilos, iniciados, o S. A. D. (Agostinho Janeiro, Fernando Trovão e Américo Vieira) superiorizou-se ao Pedrouços, vencendo com nitidez.

O Estoril Praia foi vencedor incontestado dos 3 x 66 metros, estilos, principiantes. Luís Costa, Vasco Ribeiro e Manuel Figueiredo constituíram, de facto, conjunto homogêneo e valioso que triunfou muito bem.

Os 3 x 100 metros, estilos, juniores, tiveram um concorrente apenas: o elenco do S. A. D. — Surgey, Ramos Mendes e Perdi-

ção — que correu à vontade, em 4 m. 37,2 s.

A estafeta de 3 x 200 metros, estilos, seniores, proporcionou vitória folgada à equipa do S. A. D. que, constituída por Franco do Vale, Adriano Rodrigues e Guilherme Patroni, completou o percurso em 8 m. 51,5 s., contra 9 m. 16,5 do conjunto estorilista — José Rosado, Artur Mendes Silva e Albano Fidalgo.

Luta renhida e entusiástica, apenas nos 5 x 33 metros-livres, equipas mistas, mas infelizmente esse despique era... inter-sócios. Com efeito, as equipas A e B do Algés, de valor sensivelmente equilibrado, travaram boa luta, decidida sobre a meta por dois décimos de segundo. E a prova ficou como o melhor momento da reunião.

Na estafeta feminina — 3 x 33 metros, estilos — apenas uma equipa concorrente: a do S. A. D. que, com Maria Inês Santos, Cristina Pinto Ribeiro e Regina Denzin Mendes, cobriu o percurso em 1 m. 28 s.

### A prova Caxias-Paço de Arcos disputa-se no domingo

O Grupo Desportivo de Paço de Arcos organiza no próximo domingo, no percurso Caxias-Paço de Arcos, uma prova de nataçãõ que, além do seu aspecto de propaganda, promete constituir excelente espectáculo desportivo, pois trata-se, de facto, da primeira prova de mar da temporada, permitindo, portanto, aquilatar da «forma» dos nossos «fundistas», tanto mais que, uma semana depois, se disputará a clássica travessia do Tejo.

ABREU TORRES

## Uma vítima do frio

DURANTE a onda de frio que se fez sentir na Primavera, na Dinamarca e na Europa, uma das vítimas foi um pobre guardaredes do clube de Copenhaga. Jogava-se um desafio de campeonato e uma das equipas exerceu tão intenso domínio sobre o seu adversário, que o guarda-redes não teve de intervir uma única vez. E como fazia um frio intensíssimo, de meter medo, o pobre guarda-meta ficou gelado a tal ponto que teve de ser transportado ao hospital donde só saiu para o cemitério!

COMO TRABALHAM OS JORNALISTAS DESPORTIVOS

No próximo número:

O depoimento de RICARDO ORNELAS

# ARCADIA

DANCING  
DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

## Grande sucesso do BALLET MONTENEGRO

Charito Moreno — Viviane Lis — Mary Mely — Adoracion  
Reys — Perla de Levante — Luisa Royo — Herm. Goyecas  
Herm. Baron — Mary Arilla

DUAS ORQUESTRAS  
Nocturnos e Arcádia

# O Futebol Benfica

venceu a última competição da época e termina a sua actividade no ano em curso sem derrota

A época do hóquei em campo — «magrinha» no capítulo de organizações oficiais e particulares — encerrou-se com a disputa da taça «Fernando Adrião». Ficaram, portanto, para segundas nupcias o campeonato nacional e o torneio de juniores!

Eram duas provas que visavam à propaganda da modalidade — mas imponderáveis de ordem superior deitaram tudo a perder, precisamente numa altura em que este desporto tão carecido está de amparo, para se desenvolver, como necessariamente tem direito depois que foi a terras da Bélgica e de Espanha. Mas... O eterno mas...

Evidentemente que aos directores associativos — cuja acção é digna dos maiores louvores — não cabem culpas. Lastimosa-se, apenas, que não tivesse havido tempo suficiente para que aqueles campeonatos (e principalmente o dos juniores) fossem um facto. Quanto ao torneio nacional — depois dos esforços dos lisboetas e dos portuenses para a qualificação respectiva — faz na verdade pena que se tenha de esperar mais um ano... Quem sabe se até lá (havia realmente motivos fortes para isso) os clubes se não aplicam com tanto empenho como agora?! Outras ideias (um pretenso torneio internacional, principalmente, a servir de «pedra de toque») ruíram também pela base.

Enfim: talvez que em 1951 as coisas tenham mais conserto, feitas com tempo e a horas, afim de não voltarmos ao mesmo.

O Futebol Benfica foi o grande triunfador da temporada, bem acolitado pelo Atlético e pelo Benfica, na fase do campeonato, e pelo Belenenses, agora na taça. A final do trofeu — com a equipa de Belém — ganharam-na os

campeões por 2-0, golos de Carvalho e Rodrigues, tendo os alcantarenses obtido o terceiro lugar em luta com o Benfica. E, assim, o clube de Adrião — que no ano da sua abalada para África ajudou a colectividade a ganhar a «Taça de Portugal» — assenhoreou-se do trofeu com o nome do seu antigo e muito prestigioso atleta. Não se poderia exigir mais da equipa do clube de Benfica — porque termina a temporada em verdadeira glória; sem derrota, apenas com um empate e um golo consentido. Era, certamente, um magnífico indicativo para a conquista do primeiro título de campeão nacional.

Benfica, Belenenses e Atlético, assim como Ateanu, Oriental e Hóquei, o penúltimo até por ser o estreante do ano, são igualmente credores de admiração pelo seu comportamento durante a época finda. Animaram as provas de que participaram — mostrando sempre interesse e entusiasmo. E sómente uma coisa se lhes pede: — que não lhes faleça o empenho para a próxima temporada. A ver se as coisas melhoram... Com perseverança, tal o exemplo do Hóquei C. P., que apesar das contrariedades marca a sua presença, algo se pode conseguir; e a modalidade — como eles próprios — lucrará bastante.

O porvir antolha-se-nos risonho — quicá próspero em matéria de propaganda e de iniciativas. Não quebre o entusiasmo e então será definitivo o triunfo hoquistico. A nova época abre em Setembro com a disputa do torneio para a taça «Imprensa» e uma correspondente festa de distribuição de prémios — uma das tais que ficaram por fazer...

J. M.

## Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

# Uma opinião sem pretensões

Especial para STADIUM de Candeias Alvarez

Rio de Janeiro, 9.

**PORQUE não viemos ao Brasil? Eis a pergunta que ainda hoje anda de boca em boca, muito especialmente em terras brasileiras.**

Não viemos ao Brasil disputar o IV Campeonato Mundial de Futebol porque fomos fiéis aos princípios estabelecidos. Não viemos ao Brasil — apesar da taça que nos foi oferecida — porque não tínhamos confiança na nossa selecção. Estas as respostas que têm sido dadas por todos que aqui chegam, mas que não convenem, quem — portugueses e brasileiros — ansiava por ver desfilar em campos caríolos e selecção das cinco quinças.

O resultado da eliminatória com a Espanha e muito especialmente os 2 a 1 de Chamartin devem ter levado os nossos dirigentes a terem um rotundo fracasso nas exhibições a fazerem-se. Compreensível. A nossa presença na Taça «Jules Rimet» a ser disputada no Brasil era mais uma questão de engrandecimento de um certame realizado num País irmão que propunha uma questão de vitórias indiscutíveis. Mas — como atrás dissemos — sempre fiéis aos princípios da dignidade e palavra, não aceitamos a oferta. Fizemos mal? Fizemos bem? Só o tempo o poderá dizer com propriedade.

Afinal, o Campeonato está no término das eliminatórias e que temos visto? Equipas, selecções bisonhas com fraco futebol não despertando o interesse do torcedor e indiscutivelmente mais fracas que o seleccionado português. Sim, senhores, desportistas da minha Pátria: a selecção de Portugal se estivesse presente no Brasil, seria não só uma das maiores atrações como ainda uma das que melhor futebol praticaria. Naturalmente que não nos vamos equiparar à Inglaterra que afinal acabou por baquear ante o bisonho quadro dos Estados Unidos, nem ao Brasil ou à Jugoslávia que, quanto a nós, foi até ao presente a selecção que mais agradáveis recordações nos deixou.

## BASQUETEBOLO

# ACADÉMICA DE COMBRA

campeã nacional pela segunda vez consecutiva

**TERMINOU** o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão com a vitória, indiscutivelmente brilhante, da Associação Académica de Coimbra que, assim, arrastou o título pela segunda vez consecutiva. E há, realmente, antes de mais, que saudar essa vitória, pela forma como foi alcançada, pela emoção de que se rodeou, pelo que significa como prémio de labor intenso, pelo que pode representar, finalmente, para que a bela modalidade da bola ao cesto ganhe, na sua terra, mais fundas raízes, mais prestígio e mais popularidade, para que o basquete coimbrão encontre incentivo forte para se valorizar cada vez mais, firmando e confirmando uma posição que só pode proporcionar benefícios ao basquetebol lusitano.

A Académica ganhou em beleza — eis a primeira ilação a tirar. Entrou na prova com o moral robustecido pelo título que ostentava, mas teve sempre bem presentes as responsabilidades inerentes ao mesmo título. A sua classe impôs-se desde o começo do torneio — e veio a confirmar-se experimentalmente na jornada derradeira, nessa «final» memorável frente ao Vasco da Gama.

E que não foi, realmente, um desafio vulgar, aquele em que os estudantes venceram os campeões do Porto, por 57-33. Foi, antes, um encontro como poucos se terão disputado, com todas as características inerentes a «finais», vivendo muito dos nervos, mas onde também — acentue-se — se produziu basquete de excelente nível. E esta característica constituiu, realmente, o portador a frizar — e a salientar. A partida atingiu cravetos que não é vulgar em jogos desta natureza, nos quais os jogadores, aliás muito compreensivelmente, de olhos postos no marcador, nem sempre produzem o seu melhor.

Por tudo isto, há, de facto, que felicitar vencedores e vencidos, dignos adversários.

Mas a verdade é que quanto aos restantes incluindo a própria Espanha, muito poderíamos fazer.

Na nossa série tanto a Bolévia como a França ou o Uruguai são adversários com quem actualmente nos batemos face a face. O primeiro é por demais forte para as nossas possibilidades. O segundo atravessa um período menos bom e é último é a sombra do passado. Poderíamos quando muito arrancar o segundo lugar na série, mas com um pouco de sorte entraríamos nas finais.

Talvez para ficar em quarto lugar. Mas que importância esse quarto lugar se o futebol português alcançaria a projecção internacional que nunca conseguiu? Os resultados feitos contra a Inglaterra e Escócia dizem bem do que poderemos fazer. Sabemos que em terra estranha a nossa selecção não rende 100 por cento. Mas no Brasil com 150 mil espectadores gritando por Portugal, o que seria? Esta a pergunta que anda de boca em boca! Perdemos, por sermos fiéis ao prometido, a grande oportunidade de fazer melhor que em Amaterdão. E digo fazermos melhor, porque o futebol atravessa no Mundo, uma crise de progresso. Os Países sul-americanos, sómente o Brasil progrediu e a Argentina que fugia ao Campeonato por razões várias. Da Europa, se abstruirmos a Inglaterra e a Itália, talvez a Suécia, com o «nosso melhor» — não sabemos como seria. Enfim, não vale a pena falarmos mais no assunto. Resolvemos ficar em casa aguardando o torneio que — se ocorrerá em 1951 na Inglaterra — para o qual já estamos convidados. Que os nossos seleccionadores pensem criteriosamente nas nossas possibilidades e levem a melhor selecção de futebol que Portugal possa conseguir são os nossos desejos. Mas, é necessário que os convençamos de que hoje como em Toronto — quando estivemos em Portugal — e talvez mais hoje do que ontem, nós valemos mais do que se pensa. O tempo o dirá, e é o critério de selecção.

«OS BELENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

O Clube de Futebol «Os Belenenses» que à preparação dos seus jovens basquetistas tem dedicado especial atenção, cuidando, assim, da melhor forma possível, da renovação dos seus quadros, desenvolvendo, portanto, uma obra digna dos melhores louvores, acaba de triunfar no Campeonato Regional de Juniores, prova que decorreu com interesse e animação, reunindo um lote de equipas onde surgem já algumas esperanças.

«OS BELLENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

O Clube de Futebol «Os Belenenses» que à preparação dos seus jovens basquetistas tem dedicado especial atenção, cuidando, assim, da melhor forma possível, da renovação dos seus quadros, desenvolvendo, portanto, uma obra digna dos melhores louvores, acaba de triunfar no Campeonato Regional de Juniores, prova que decorreu com interesse e animação, reunindo um lote de equipas onde surgem já algumas esperanças.

«OS BELLENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

«OS BELLENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

«OS BELLENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

«OS BELLENENSES» VENCERAM O CAMPEONATO REGIONAL DE JUNIORES

# CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL

Após estes encontros passaram às "finalíssimas" **4 PAISES BRASIL ESPANHA URUGUAI E SUÉCIA**

## Chile, 5 — Estados Unidos da América, 2



Borghí defende por alto enquanto Robledo, o avançado-centro chileno — confiante na vitória das suas cores

## SUÉCIA, 2 — PARAGUAI, 2



Jeppson, o avançado-centro da Suécia, atirou a contar, tornando infrutíferos os esforços de Vargas. Repare-se no posição correctíssima do avançado nórdico



Avallos, do Paraguai, que se vê à esquerda, marca impárravelmente o golo do empate da sua selecção. Com este empate os suecos classificaram-se para as finais

## E. U. América, 1 — Inglaterra, 0



Em Belo Horizonte, depois da vitória dos americanos, os adeptos invadiram o terreno e conduziram em triunfo até ao hotel os vencedores do «english team». Na fotografia, o luso-americano João de Sousa não tem mãos a medir... Ele foi o marcador do «golo fantasma»

## ITÁLIA, 2 — PARAGUAI, 0



Moro, o guarda-redes da Itália defende, açoitado por um atacante suíço. A selecção italiana com esta vitória conseguiu desfazer a má impressão na sua estreia quando perdeu com os suecos por 3 a 2. Todavia, Ferrarino, seu técnico, foi alvo de vivas críticas

## BRASIL, 2 — SUIÇA, 2



O Brasil marca o segundo golo, obra de Baltazar. O guarda-redes helvético apesar do ótima estirada nada conseguiu. O pior foi depois... a reacção suíça!



Ademir (10) ao diabo brancos, tenta jogar de cabeça ante os olhares dos dois defensores suíços prontos a intervirem no caso de falhar o guarda-redes



Williams guarda-redes da Seleção inglesa, defende uma bola alta, durante um dos muitos ataques dos norte-americanos, sob as vistas de Ramsay e Dickinson

## BRASIL, 2 — JUGOSLAVIA, 0



Ademir, sempre o famoso Ademir, marca o primeiro golo do Brasil



A defesa balcânica luta contra as investidas brasileiras conduzidas por Ademir e Zizinho (8)



Chico, o extremo-esquerdo do Brasil, joga de cabeça para trás, endossando a Ademir, que depois fará o remate, aliás, sem êxito.



O trio de arbitragem do Brasil-Jugoslavia — da esquerda para a direita: Beranich (da Austria), Griffith (do Letónia) e Viciani



# NORTE CONTRA S U L

**D**ISPUTADO em fórmula sintética e de recurso, o campeonato nacional de andebol de 1950 não correspondeu ao incremento e à classe que a modalidade atingiu no país; todos devem reconhecê-lo, até os próprios dirigentes federativos que foram obrigados a tomar esta solução de recurso, em última instância e em consequência das atitudes contraditórias das associações filiadas.

O problema futuro do campeonato nacional, que a Federação deverá resolver, por determinação expressa do sr. Director Geral dos Desportos, antes do início da próxima temporada, é tão complicado como o presente porque cada um dos partidos interessados, Porto e Lisboa, se mantendo entrencheados atrás dos seus actuais pontos de vista: de um lado a afirmação de uma superioridade de valor que se quer impôr sem concessões; do outro o reconhecimento da incapacidade de suportar os sacrificios a que as prerrogativas intransigentes contrárias obrigariam.

Depois dos resultados dos campeonatos deste ano, as pretensões de predominio da Associação Portuense ficam um tanto abaladas; têm fundamento, sim, no que se refere a expansão, mas em valor técnico as forças equilibraram-se e se vantagem se antes, será com tendências sudistas, cujos juniores — os azes de amanhã — provaram acentuada superioridade.

É necessário dar ao campeonato nacional de andebol a amplitude que a categoria da modalidade merece e, desportivamente, satisfazer as aspirações justificadas dos diversos núcleos regionais. O assunto precisa de ser muito bem ponderado, em regime de mútuas concessões, para que seja encontrada uma solução intermediária, que assegure a continuidade da competição com carácter autenticamente nacional.

Esperemos alguns meses, confiando na Federação para encontrar a forma conciliatória dos antagonismos do Norte e do Sul que, irreduzíveis, estragaram o campeonato deste ano.

# Flagrantes

## O Presidente dos Árbitros

**U**M categorizado jornalista desportivo escreveu algures, outro dia, que os portugueses não gostam do jogo — mas sim dos clubes.

A ideia é perfeitamente exacta e manifesta-se, concludentemente, por diversas formas. A luta dos clubes toma aspectos, por muitas vezes, de tal rudeza, que o gosto pelo jogo anda paredes meias com os maiores malefícios que se lhe podem fazer. Ver o triunfo do nosso clube, seja como for, excede, de largo, o prazer de ver jogar bem ou, o que é peor, de ver triunfar com beleza.

Os árbitros, como juizes, são, ao final, os intervenientes que a multidão apouca se não dão aos apetites negros de cada qual a satisfação desejada.

E o árbitro é, na imensa maioria dos casos, o escravo da Lei — apenas, o escravo da Lei.

Apontam-se muitos casos de fraca actuação dos árbitros, mesmo porque, a crítica livre, nem sempre está dentro do verdadeiro acontecimento — mas é extraordinariamente raro atribuem-se-lhes faltas de honestidade.

A posição dos árbitros, aliás, sempre difícil, torna-se evidentemente mais complicada se o meio em que decorrem as lutas desportivas não é aquele que a boa ética desportiva recomenda. E no conflito que se gera quando as consciências se perdem, pretende-se sempre que o árbitro seja a única pessoa que não pode perder a cabeça.

A corporação dos árbitros, em Portugal, tem sido injustamente atacada, mau grado os esforços dela própria em se prestigiar. A crítica à supacá dá cabo daquele respeito que os actos dos juizes de campo talham para si próprios e para a corporação.

Árbitros que se equivocam nas suas decisões — há-os por toda a parte. Os árbitros estrangeiros que nos visitam não realizam dum modo geral, melhor trabalho do que os nossos. Pois nem assim cessam as críticas nem deixam de ser calculados os desacertos naturais e humanos que os árbitros necessariamente cometem.

Se se concordar com a organização actual dos árbitros de futebol, em Portugal, pode perfeitamente admitir-se que este desprestígio a que chegaram os juizes de campo haverá de desaparecer. É o prestígio do jogo que o exige. É a honesta conduta dos árbitros que o impõe.

A Comissão Central dos Árbitros que durante tantos anos esteve na Federação não conseguiu, infelizmente, rodear a corporação do prestígio dese-

jado. Dois dos seus membros estilveram lá mais de uma década, em trabalho permanente e bem intencionado, mas nem sempre sentiram o amparo da opinião pública a que tinham direito. Foram substituídos agora — com o presidente que mais recentemente lhes fôra dado. A esta Comissão outra se sucedeu já — chefiada deste feita por um desportista com nome respeitado que à organização desportiva deu em muitos anos colaboração de elevado merecimento. Refiro-me a Francisco Mega.

Não entro nas políticas da bola — creto que desde que me conheço. Quer dizer — nunca me meti nas políticas da bola. E quando tenha parecido que não é verdade, afinal, o que digo, é porque o tempo era curto para um julgamento mais exacto. Anos passados, logo se vê como agi sem qualquer ideia de fazer prevalecer outra coisa que não fosse o prestígio do jogo e só isso.

Em Francisco Mega eu vi sempre o dirigente pertinaz que a organização exige. Não se lhe atribuem muitos feitos, mas todos os antigos o conhecem como um dirigente que sabe o que faz e para onde caminha. Traça um objectivo e há-de conseguir-lo. Porque não há-de Francisco Mega dotar a corporação dos árbitros desse prestígio que lhe falta?

O antigo dirigente belenense não é pessoa para transigir com os maus actos. Também não é capaz de deixar sem prémio aqueles cujo comportamento seja digno de louvor. E, por isso, o dirigente que os árbitros necessitavam neste momento. Prestígio maior que o dele, na organização desportiva, não o possuem outros. A corporação dos árbitros arranjou, pois, o presidente que merecia. Daqui ao engrandecimento dos árbitros vai um passo. Mas é, afinal, o passo difícil que a corporação ainda não deu — mas vai dar!

MÁRIO SANTOS

## BICICLETAS

PARA HOMEM  
SENHORA  
e CRIANÇA

Preços sensacionais

Peçam tabelas

ARMANDO CRESPO & C.<sup>a</sup>

R. do Crucifixo, 116 e 124

Telef. 27027 — LISBOA

# O treinador S Z A B O em Braga

(Continuação da página 13)

termo. Na secretaria notarial da cidade dos arcebispos assinei um contrato por dois anos renováveis. O vencimento mensal será de 4.500 escudos. Voltei, assim, ao clube minhoto onde já servira. Estou radiante. (Uma informação a propósito: segundo nos confidenciou um nosso camarada muito distinto, o contrato pode ser classificado de documento modelar no género).

— Planos, Szabo? — inquirimos.

— Ainda é cedo para os revelar. S6 começarei no primeiro dia de Agosto. Daqui até lá, procurarei refazer energias, para me entregar com o maior afinco à tarefa que gostosamente aceitei. Já conheço o meio e a matéria-prima. Com boa vontade, perseverança, e espírito de disciplina — sempre condições básicas para um trabalho consciente e profícuo — espero corresponder integralmente à confiança não só do clube, como das forças mais representativas da cidade. O Sporting de Braga há-de firmar-se, de maneira definitiva, numa situação ainda mais destacada, para orgulho da provincia e prestígio do próprio futebol português, se todos me ajudarem.

E com veemência:  
— Braga, por intermédio do seu campeão de futebol, tem que corresponder, sem tibezas, ao gesto do Governo da Nação, que a dotou de um magnífico Estádio. Estou crente de que o comércio e indústria e as restantes actividades, saberão corresponder, com a tradicional boa vontade e simpatia, para que o futebol minhoto evolua progressivamente, afinal a grande ambição de todos os bons e dedicados regionalistas.

— Viu jogar o seu novo clube? — inquirimos.

— Sim, contra o Celta, de Vigo, foi a resposta imediata. Os bracearenses tiveram uma tarde, simplesmente desgraçada. As «coisas» não lhe correram a contento. Entusiasmei-me com o comportamento dos espanhóis, que se revelaram briosos, trabalhando com amor, com vinculado empenho, em proveito da equipa, abstraindo da mente a acção individual. Desportivamente, ensoparam as camisolas de suor, tornando-as mais nobres e mais dignas, ainda, se é possível. Ver jogar assim, dá prazer!

A última resposta:  
— Em futebol, o marcador pode sofrer oscilação até ao último minuto. A fé deve acompanhar o jogador nos momentos bons e maus, porque não há, verdadeiramente, jogos fáceis ou difíceis, nem equipas fortes e fracas. Há simplesmente que jogar sem desfalecimentos.

«O Oriental pode fazer carreira na Divisão principal e apeteço-lhe uma época feliz. Ao Sporting de Braga, o meu novo clube, a quem servirei com o máximo carinho e dedicação, vaticino-lhe os maiores triunfos.

PITTA CASTELEJO

# PROPAGANDA

pelo exemplo

NUMA altura em que ainda se não extinguiram os ecos das comemorações brilhantíssimas das sêbadas de diamantes do velho e glorioso Ginásio Clube Português, eis que nova e fecunda iniciativa se anuncia: uma digressão de vinte e oito atletas «ginastas» — doze senhoras e dezasseis homens — que, de 22 a 29 do corrente, se exhibirão em Leiria, Coimbra, Viseu, Aveiro, Ovar e Figueira da Foz.

Visando única e exclusivamente a propaganda da ginástica nas suas várias modalidades, o acontecimento merece, na realidade, o melhor realce e o melhor aplauso. Trata-se, com efeito, da melhor propaganda que realizar se pode. Da propaganda pelo facto, da propaganda pelo exemplo. Porque, com efeito, a exibição de atletas do nível técnico dos que constituem as classes do Ginásio Clube Português, além de constituir acontecimento invulgar em qualquer das localidades, pôde muito bem ser o ponto de partida, não só para novas iniciativas, mas também — e esse seria o melhor dos frutos — para que a prática da ginástica erigir novos centros e ganhe raízes nas terras visitadas.

Os atletas «ginastas» exibem-se em Leiria, no dia 22, com a colaboração do Ateneu Desportivo de Leiria, no recinto de patinagem; no dia 23, em Coimbra, no recinto da Feira Popular, de acordo com a comissão executiva da respectiva Feira; no dia 24, em Viseu, numa sala de espectáculos, com o patrocínio do Sport Lisboa e Viseu; no dia 25, em Aveiro, de colaboração com o Clube dos Galitos; no dia 26, em Ovar, no sarrau a favor da Associação Desportiva Ovarense, cuja sede foi recentemente destruída por um incêndio; finalmente, no dia 28, no Casino Peninsular da Figueira da Foz.

O programa dos saraus, variado e completo, reúne fartos motivos de agrado, e é o seguinte: classe de senhoras em educativa e paralela; barra fixa; luta greco-romana; argolas; pesos e alteres; saltos em cavalo arção; pugilismo; exercícios livres; cavalo arção; paralelas e mesa alemã.

Verificando êxito de iniciativas e realizações, o Ginásio Clube Português, em óscio do seu alto papel e do peso das suas honrosas tradições, encerra da melhor maneira o ano lectivo de 1950 — o ano faustoso em que comemorou com sinalado brilho as suas sêbadas de diamantes.

Há, pois, que felicitar a colectividade da rua de Serpa Pinto, formulando os melhores votos de pleno êxito para a sua iniciativa.

## DOIS VOTOS

**H**OUVE em tempos um marseilhês que anunciou que subiria descalço ao monte do Santuário de Nossa Senhora da Guarda, se o Olímpique de Marselha ganhasse a «Taça de França». A promessa parece-nos que nunca foi cumprida. Mas, em contrapartida, dois dirigentes do Havre, os srs. Perrigault e Martinne, fizeram também uma promessa deste género: — que subiriam descalços ao Monte de Nossa Senhora do Mar, em Sainte-Adresse, se a equipa do seu clube ascendesse à Primeira Divisão.

Desta vez a promessa teve de ser cumprida visto o Havre jogar na próxima época na Divisão de Honra. Os aficionados do clube esperam e querem ver os dirigentes Perrigault e Martinne subirem descalços o Monte de Nossa Senhora do Mar, onde na capelinha situada a 1.300 metros do nível do mar vão colocar duas velas!

# Atletismo feminino

**T**EMOS pelo atletismo feminino, tal como sempre foi praticado em Portugal, como salutar distração e benéfico exercício desportivo, sem preocupações dominantes de resultados, uma marcada simpatia.

A modalidade, em vez de progredir tem decadido de ano para ano, morreu no Porto e em Lisboa vegeta reduzida à expressão mais simples. E' pena, mais ainda porque infelizmente se é obrigado a reconhecer que, das poucas praticantes, raras são aquelas com um lampejo de aptidão e menos ainda aquelas que patenteiam preparação física e técnica, sequer rudimentar.

O espectáculo de certas competições é confrangedor e não se concebe que possam ser consideradas campeonatos de Portugal, lançadoras que atram o peso a seis metros ou o dardo a onze metros.

A Federação acompanha impavidamente estas pobres, paupérrimas manifestações e nada experimenta fazer para as remediar. «Stadium» já por mais vezes se tem referido ao problema, sugerindo, por exemplo, que se estabeleça uma tabela de mínimos modestos, mas compatíveis com a tradição do nosso atletismo feminino, abaixo dos quais não poderiam ser atribuídos títulos ou classificações oficiais. Por exemplo: 7m,50 para o peso, 22m para o disco, 18m,50 para o dardo.

Há que exigir, para que o desporto possa ser respeitado e conquistado adequadamente, um limite de facilidades devidamente cuidadas; não se apresenta, num torneio com o cunho oficial de campeonato, qualquer praticante, só para fazer número ou porque lhe apaz. Um campeonato é uma prova de exame e não se manda a exame um candidato na certeza de que vem a ser reprovado.

E' indispensável — embora se lhe revele que não seja muito habil — demonstrar, pelo menos, que estudou a lição e a repetiu conscientemente, no limite das suas facilidades.

REVISTA

## «Stadium»

Vende-se no RIO DE JANEIRO na CASA VANNI 161, Avenida Rio Branco, 161

A ÉPOCA DE FUTEBOL DE 1949-50 (V)

# Futebol Clube do Porto

Ainda não foi desta vez que os campeões do Norte conseguiram apresentar uma equipa capaz de arrancar o primeiro lugar.

Se o sector atacante fosse do mesmo quilate do resto do «sonze», o caso seria diferente.

Da baliza até à linha de médios, o F. C. do Porto só tem motivos de orgulho. O seu valor é, talvez, equiparável ao dos campeões nacionais. Barrigana, Virgílio, Alfredo, Carvalho, Joaquim e Romão são nomes que já não recetam confrontos com os mais consagrados. Mas o ataque...

O F. C. do Porto necessita de rever a sua linha avançada. São precisos homens de tempera de Araujo, Correia Dias, Sanfins...

Há falta de poder realizador — carência de golos, em suma. E' um mal de que muitos se queixam...

A juventude inexperiente sobressobra quando sente a falta do seu público a apoiá-la. Vencer no campo do adversário é um requisito indispensável para se poder ganhar com o título máximo. Desde que o F. C. do Porto se mostra impotente para transportar o obstáculo dos jogos «fora de casa», passou a haver um competidor a menos na carreira para o título!...

## Os jogadores

Ângelo de Carvalho, principalmente pelo que fez na Seleção Nacional, foi a «estrela» de primeira grandeza do F. C. do Porto.

Marcou o seu lugar no «sonze» das Quinas. Tal como Travaços, Francisco Ferreira, Felix e outros «indiscutíveis» da Seleção portuguesa.

O trio defensivo dos alviazuis joga mais em habilidade do que força. Virgílio ao lado direito, e Alfredo no centro, com Barrigana na Baliza e Carvalho em grande forma, à esquerda, formam uma barreira muito difícil de transpor para qualquer grupo.

São rápidos sobre a bola, e não despacham o esférico à toa. A bola é passada aos médios, que, não deixando os créditos por mãos alheias, a sabem também entregar à frente.

Na linha avançada, há bons valores individuais, mas o rendimento não corresponde. Gastão, Vital, Sanfins, Monteiro da Costa e José Maria podem produzir muito mais do que produziram no campeonato findo. Se Araujo voltasse...

Gastão parece que joga melhor a médio; Vital ainda não se «aclimatou», mas certamente muito há a esperar deste elemento na próxima época; Sanfins venceu já a batalha da sua popularidade; Monteiro da Costa possui invulgar en-

gado pela baliza, tendo sido o 7.º rematador do Campeonato; José Maria impressionou bem, sendo inegável o seu jeito para o lugar. Quanto a Vieira, afigura-se-nos que retrocedeu.

Não terminamos estas referências sem uma alusão à passagem de Augusto Silva pelo F. C. Porto, e quanto ela significou em importância do factor treinador no primeiro clube do Norte.

## Estatística

No Campeonato Nacional de 1949-50, o F. C. Porto averbou 12 vitórias, 2 empates e 12 derrotas, prefazendo 26 pontos e classificando-se no 5.º lugar da classificação geral.

Os portugueses marcaram 61 golos (terceira marca do torneio) e sofreram 52 (quinta marca), o que pode dar a noção errada de que o compartimento ofensivo foi superior ao defensivo...

Os golos do F. C. Porto foram apontados por Monteiro da Costa, Vital, 10; Vieira, 9; José Maria e Joaquim, 5 cada; Sanfins e Baptista; Romão, 2 e Virgílio, 1. O F. C. Porto beneficiou de 5 golos marcados na própria baliza do adversário.

O «palmarés» do F. C. Porto na prova é o seguinte: três 1.º lugares; três 2.º; um 3.º; cinco 4.º; dois 5.º; um 6.º e um 7.º posto.

Em 304 desafios, os portugueses totalizaram 177 vitórias, 35 empates, 92 derrotas, e 901 golos marcados contra 566 sofridos.

Como temos feito, indicamos os melhores resultados de desafios em cada ano: 1934-35: 7-0 (Académico); 1935-36: 10-1 (Sporting); 1936-37: 7-0 (V. Setúbal); 1937-38: 7-2 e 1938-39: 12-1 (Académico); 1939-40: 11-0 (V. Setúbal); 1940-41: 7-1 (Boavista); 1941-42: 12-1 (Carcavelinhos); 1942-43: 5-1 e 4-0 (Leixões); 1943-44: 5-0 (Salgueiros); 1944-45: 10-0 (V. Guimarães); 1945-46: 11-0 (Atlético); 1946-47: 10-2 (Olhanense); 1947-48: 7-1 (A. Académica); 1948-49: 6-1 e 1949-50: 8-0 (V. Setúbal).

E como se vê, o F. C. Porto fez distribuição bem sortida...

VASCO C. SANTOS

A seguir:

Sporting Clube da Covilhã

## Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número . . . . . 2\$50  
3 meses, Esc. . . . . 2\$250  
6 » » . . . . . 6\$500  
12 » » . . . . . 130\$00

## OS CICLISTAS

Fernando Moreira  
e João Lourenço

partiram confiantes



Em cima, um trecho relativamente tranqüilo das «24 horas». Ao lado esquerdo, em plena perseguição. Ao lado direito, o corredor, na folga da prova, alimenta-se

**S**ELECCIONADO pela Federação Portuguesa de Ciclismo, foi de longada até ao Brasil, o valoroso e popular ciclista do Sporting, João Lourenço



Quando se tornou conhecida a sua escolha para emparceirar com Fernando Moreira, o consagrado estradista do Futebol Clube do Porto, dividiram-se as opiniões quanto ao acerto da resolução tomada por aquela entidade.

Uns apoiaram, outros contrariaram.

Agora que o estradista deixou o país, as discórdias devem, sem dúvida, ter cessado. Todos, por certo, seguiram com o maior interesse a actuação dos dois briosos portugueses, que em terras de Alémi-Atlântico, souberam, mais uma vez, prestigiar e enaltecer o nome de Portugal, com o aprumo e dignidade de sobejo revelados nas várias competições em que participaram fora do território pátrio.

Procurámos recolher as impressões de ambos antes da partida. Frases breves, a esconderem um estado de alma todo incerteza, arroubo, fé e esperança...

O «leão», indómito e perseverante durante a luta e afável no trato, disse-nos:

— Parto confiado numa boa classificação. Fiquei agradavelmente surpreendido com a honrosa distinção que me foi conferida. Tudo farei para não desmerecer da confiança em mim depositada. A luta entusiasma um atleta que se preza. Sinto-me em ótimas condições físicas e já demonstrei, com as classificações obtidas, durante esta época, que posso «aguentar» os percursos longos ou curtos. No Brasil, a prova em que vou tomar parte, é propícia para as minhas características. Não me faltarão o brio e a vontade para lutar até ao último instante.

O «portista», simpático na convivência e batalhador denodado e valente quando em competição, também, nos disse, durante um encontro providencial.

— Já conçoço a prova e o valor de alguns adversários. Espero triunfar, porque confio em mim próprio e não me impressiona o mérito dos outros concorrentes, sejam quais forem, embora respeite devidamente o seu valor. Gostava de repetir a proeza do ano passado, mas se o não conseguir, saberei «cair» de pé. Fisicamente estou em excelente condição e a vontade e energia são cada vez maiores. Espero honrar o meu país, o meu clube e o meu nome. Mas, em cima de uma bicicleta tudo pode suceder... e esse tudo, quantas vezes, superior às vontades mais robustas... Haja fé, por cá, que a minha lévo-a comigo, bem radicada.



Organizada pela Câmara Municipal de Sintra, efectuou-se na passada sexta-feira, no Cine Teatro «Carlos Manuel», uma sessão de homenagem ao Hóquei Clube de Sintra e aos seus atletas, entre eles os campeões do Mundo, Cipriano, Raio e Edgar, a quem foram entregues as medalhas de ouro do Concelho.

Documentamos dois aspectos do acontecimento: a Mesa que presidiu à sessão e o momento em que discursava o director de «Mundo Desportivo», o nosso prezado camarada Raúl de Oliveira, que requereu para o clube um rink condigno.



Os velejadores que estão presentemente disputando a regata à Ilha da Madeira, foram na passada sexta-feira obsequiados com um porto de honra na Casa da Madeira, pretexto admirável para uns momentos de franca confraternização.

O velho e glorioso Ginásio Clube Português, que durante seis meses comemorou com assinalado brilhantismo a data faustosa das suas «bodas de diamante», encerrou no pretérito sábado o ciclo das suas festas. Organizou para isso uma sessão solene presidida pelo inspector de desportos, dr. Salazar Carreira, que, no fim, num belo improviso, comunicou, também, o texto do louvor com que a Direcção Geral dos Desportos distinguiu a prestigiosa agremiação da rua de Serpa Pinto.



O Sporting Clube de Portugal, agora em festa pela passagem do seu 44.º aniversário, levou a efeito, na sua sede, uma luzida sessão solene, presidida pelo dr. Palma Carlos, e durante a qual foram distribuídos prémios aos atletas do clube que conquistaram títulos nas diversas modalidades, na época 48-49.



Fernando Moreira foi coagido a desistir, por ter sofrido um acidente.

João Lourenço classificou-se com brilho em 3.º lugar.

**PENTATLO REGIONAL**  
Vitória do sportinguista **JORGE CAMEIRA**



O Pentatlo reduziu-se, no fundo, a um duelo entre J. Cameira (Sporting) e Calça e Pina (Colégio Militar), mas a superioridade do primeiro, que publicamos à esquerda, em corridas, decidiu a seu favor.



O Sporting (Eduardo Silva, Canhão, Rui Maia e Jorge Machado), correndo sem adversário, conseguiu derrubar o recorde da estafeta olímpica, fazendo 3 m. 30,8 segundos



Szabo é uma figura típica! Esconde as emoções que lhe provocam o jogo no fumar do seu cachimbo ou de um «chavano» nacional.

Esta foto é uma boa recordação para o conhecido treinador, que observa o movimento dos ponteiros do seu relógio. Falavam apenas alguns minutos para terminar a contenda, e o clube por ele treinado ao tempo, o Sporting, venciu apenas por uma bola e essa bola valia provavelmente todo um campeonato...

**Estou radiante por ter voltado a treinar o SPORTING DE BRAGA**

declarou-nos **JOSEF SZABO**

**A**O entrarmos no café, fomos agradavelmente surpreendidos com a presença de Josef Szabo, o conhecido treinador húngaro que tem prestado o seu valioso concurso, de há muitos anos a esta parte, a várias turmas portuguesas. Competente e sabedor, Szabo é português pelo coração e sente-se bem em Portugal que considera a sua segunda pátria.

Não deixamos escapar o ensejo e após um abraço sentámo-nos dispostos a saber «alguma coisa» para revelar aos nossos estimados leitores.

Palavra puxa palavra e não foi difícil, dada a cortesia e gentileza do nosso amigo, registar o que se segue:

— Tenho saudades do Oriental, clube trabalhador e com justo prestígio e popularidade, onde fui sempre considerado por dirigentes e dirigidos. Como estava prestes a findar o meu contrato, pedi a demissão, não com o propósito de me afastar do clube, mas apenas com o intuito de conseguir que a renovação do contrato me trouxesse condições diferentes das que estavam em vigor. Com muita surpresa, confesso, foi-me concedida a demissão, oito dias antes da final Elvas-Oriental, jogo de transcendente importância.

«Fiquei bastante desgostoso por não ter acompanhado os meus «rapazes» no desempenho da missão que ali exerci durante um ano. Todavia, a par da mágoa sentida, desfrutei de enorme contentamento com a justíssima vitória conseguida, recompensa legítima do trabalho de todos, que com espontânea disciplina, seguiram sempre os meus conselhos. É grato afirmar que não trabalhei em vão e que contribuí com o meu esforço honesto para que o anseio do Oriental em ingressar na I Divisão do Campeonato Nacional, fosse uma pujante realidade. Estou de bem com a minha consciência.»

— Como ingressou no Sporting de Braga? — perguntámos.  
— Eu lhe conto, — respondeu-nos. Conhecido o meu afastamento do Oriental, tempos depois recebi um convite, de pessoas amigas, para ir passar o S. João a Braga. Aceitei e uma vez lá, fui abordado acerca do possível aproveitamento dos meus serviços pelo Sporting local. As conversações prosseguiram e chegaram a bom

(Continua na página 10)



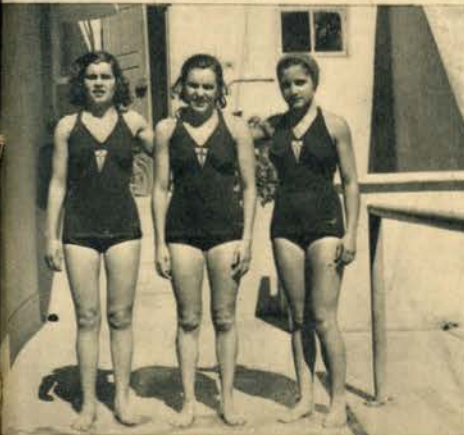
**A TAÇA FERNANDO SACADURA DISPUTOU-SE PELA 7.ª VEZ**

A equipa do Algé — Surgeu, Ramos Mendes e Perdigão — vencedora da estafeta de 3 x 100 metros, estilos, juniores



O sr. ministro da Marinha, a bordo da fragata D. Fernando, dá o sinal de partida aos iates que participam na regata

**REGATA OCEANICA Lisboa - Funchal**



Maria Inês Teixeira dos Santos, Cristina Pinto Eibeiro e Regina Dentiz Mendes, as gentis nadadoras do S. A. D. vencedoras da estafeta de 5 x 33 metros, estilos.



Fernando Sacadura, rodeado pelos nadadores do Algé, Estoril e Pedrouços, que disputaram a taça que tem o seu nome



Em cima — O «Saltillo» navega já a caminho da barra. Mais longe, o iate madeirense «Abatraz». Em baixo — Os seguintes iates «Ribamar» e «Saltillo» passam junto à fragata D. Fernando

# a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

## ATLETISMO

O recorde mundial do Decatlo, de que era detentor o americano Glen Morris, passou para o jovem atleta Bob Mathias, campeão olímpico da modalidade.

O concurso realizou-se em Tulare (E. U.) e no fim das provas o versátil desportista obtivera 8.042 pontos, superando o máximo antecedente de mais de meia centena. Eis os resultados alcançados nas dez provas do programa:

100 metros: 16,3; 400 metros: 51 seg.; 1.600 metros: 6 m. 5,1 seg.; 110 m. barreiras: 14,7; alturas: 1,85; comprimento: 7,09 m.; vara: 3,98 m.; peso: 14,48 m.; disco: 44,62 m.; dardo: 55,55 m.

Exceptuando o tempo dos 1.500, francamente destoante dos outros, verifica-se um belo equilíbrio nas marcas de Bob Mathias, que deve melhorar a pontuação num futuro mais ou menos próximo.

Os campeonatos regionais franceses não corresponderam às previsões dos técnicos. Os resultados foram modestos, só se excluindo os seguintes: Paul Faucher transpôs 7m,59 em comprimento; Camille saltou 1m,95 em altura; Camus correu os 200 m. em 21,5 seg.; El Mabrouk ganhou os 1.500 em 3 m. 51,6 seg.; Sillon transpôs 4m,05 com vara e Jaunay venceu os 400 m. (barreiras) em 54,2 seg.

A Suécia ganhou a Bélgica por 115 pontos a 92, apesar do apoio de Gaston Reiff, que triunfou na corrida da água, em 14 m. 45,8 seg.

A Noruega venceu a Dinamarca por 124 pontos a 90, no torneio há pouco efectuado na cidade de Oslo.

O desquite entre as universidades norte-americanas Princeton-Cornell e as inglesas Oxford-Cambridge terminou pela derrota dos segundos. O encontro realizou-se no Estádio de White-City, em Londres.

Em Tampere (Finlândia) o americano Bob Chambers correu os 800 metros em 1 m. 50,2 seg., tempo excelente e consideramos o estado do terreno, batido pela chuva. O saltador Richards transpôs 4m,52 com vara; Gordien lançou o disco a 52,97 m. e o peso a 15,82. Os atletas americanos, conquistaram uma prova única, das oito do programa.

## TENIS

O grande torneio de Wimbledon, em vista de conclusão neste momento, foi um pequeno fracasso para as aspirações dos australianos. Excluindo o excelente Sedgman, apurado para as semi-finais, os outros cinco concorrentes aos quartos de final tombaram ante os norte-americanos, um europeu e um sul-africano.

Budge Patty ganhou ao holandês Van Swoll, por 8/6, 6/4, 8/6; J. Drobny derrotou o australiano Mac Gregor, por 6/2, 6/2, 7/5; Gardner Mulloy eliminou o australiano B. Sidwell, por 6/4, 6/3, 7/5; Art Larsen bateu o francês Molinari, por 6/1, 6/3, 6/1; V. Seixas liquidou o veterano americano Bownich, em 4 partidas, por 6/1, 7/5, 4/6, 6/3; Sturges limpou as pretensões do australiano Geff Brown, por 6/2, 3/6, 6/3, 6/4, Sedgman conseguiu ganhar facilmente ao americano Kovaleski, por 6/3, 6/3, 6/3, 6/4 e Billy Talbert, depois do australiano A. Quist, por 6/3, 6/3 e 6/2.

Nas meias-finais encontraram-se Budge Patty com B. Talbert; Drobny com Mulloy; A. Larsen com Sedgman e V. Seixas com Sturges.

A chuva interrompeu as provas e obrigou os organizadores a suspenderem provisoriamente o torneio. Nessa altura, Patty dominava Talbert, por 3/6, 6/4 e 5/2 e Larsen havia ganho ao australiano Sedgman a primeira partida por 10/8 e 2/2. Recomeçou o torneio, no dia seguinte, Patty confirmou sobre Talbert o triunfo dos Campeonatos Internacionais de Paris, eliminando-o por 3/6, 6/4, 6/2, 6/2; o ex-chope Drobny derrotou o americano G. Mulloy em 3 partidas; V. Seixas conseguiu bater, dificilmente, o sul-africano Sturges, por 9/7, 6/8, 3/6, 6/2, 7/5 e o australiano Sedgman, numa batalha épica, triunfou de A. Larsen, por 8/10, 5/7, 7/5, 6/3, 7/6.

## BOXE

Tanto nos E. U. como na Europa o pugilismo encontra-se em regime de descanso. Mesmo assim, a actividade de alguns campeões primeiras séries, ofereceu-nos os seguintes resultados:

Theo. Medina, campeão de França de clevismos, perdeu o título a favor do jovem pupilo de Bandon, Marcel Mathieu. O combate, realizado numa localidade provinciana, terminou ao 15.º assalto, por pontos mas o vencedor apresentou-se abaixo da sua forma habitual.

Em Genebra (Suíça) o negro americano Georges Amato ganhou facilmente ao campeão belga Cirilo Delannoit, por pontos, em 10 assaltos.

Amato fez um bom combate contra um adversário destreinado e mais pesado 3 quilos. Na mesma reunião, outro americano de cor, Bobby Dawson, venceu o argelino Kis Marcel de igual maneira.

Em Long Beach (Califórnia) o ex-campeão do Mundo de semi-leves, Sandy Saddler, pôs fora de combate no 8.º round o americano Leroy Lewis, demonstrando que as suas pretensões à destorça com W. Pep são justificadíssimas.

Em Brooklyn, o conhecido cubano Kid Gavilán dispôs, por decisão pontual, do americano Sonny Horne, em 10 assaltos.

Finalmente, em Nottingham (Inglaterra) Albert Finch, campeão da Grã-Bretanha de emções obrigou a desistir o mulato Dick Turpin, ao 8.º round.

## AUTOMOBILISMO

Juan-Manel Fangio, autêntico ás do volante, conseguiu outra vitória memorável conduzindo um Alfa-Romeo no Grande Prémio do Automóvel Clube de França.

Os 500 Km. 204, que representam 64 voltas ao circuito de Reims, foram cobertas à média horária de 168 Km. 722. Em segunda posição situou-se o piloto italiano Luis Fagioli, também da Alfa, seguido de P. N. Whitehead, em Ferrari.

O notável condutor argentino manifestou uma vez mais as raras qualidades que o elevaram à dianteira dos grandes automobilistas de após-guerra. Durante o percurso, respondeu aos ataques de concorrentes, como J. Farina e Fagioli, com grande autoridade e terminou extremamente fresco.

Entre os vencidos, por deficiências nas máquinas, contam-se grandes nomes como Luis Rosier, Luis Chiron, R. Sommer, Farina, etc.

Fangio, em vista da vitória alcançada passou a ocupar o primeiro posto na classificação internacional à frente de Fagioli e Farina.

## ICICLISMO

O suíço Koblet, já vencedor do Giro de Itália, conseguiu ganhar a Ronda da Suíça — oito etapas — em 53 h. 28 m. 51 seg., seguidos de H. Goldschmidt e Ronconi, bastante distanciados.

O percurso é difícil, pela quantidade de subidas e descidas que comporta. Pode, mesmo comparar-se ao troço da Volta à França, compreendido entre os Pirineus e os Vosges. O corredor Kubler ganhou o prêmio da Montanha e no grupo dos primeiros qualificados figuram os melhores do Giro de Itália.

O 51.º Grande Prémio de Paris, competição extremamente popular de velocidade, reservada aos amadores e profissionais, revelou um magnífico ciclista francês: Verdeun.

Este amador, nas semi-finais, bateu o grande Reginald Harris, recordista e campeão mundial, que por erros de técnica foi eliminado nas provas preparatórias, bem como o suíço Plattner.

A final coube ao holandês Jan Derksen (primeiro classificado em 1939, na prova de amadores) batendo o seu compatriota Arie Van Vliet, por meio comprimento, o Verdeun, por um comprimento, no tempo de 12 segundos.

A pista municipal de Vincennes, onde o Grande Prémio se efectuou, encheu-se de 18.500 espectadores.

# NOTA DA SEMANA

A vitória da selecção da Suécia sobre os representantes da Itália, além de satisfazer o orgulho natural dos desportistas nórdicos, pelo seu significado intrínseco, pode considerar-se uma espécie de justiça divina.

Deus escreve direito por linhas tortas, fala o povo com a sua sabedoria acertada. Se assim for, os suecos podem agradecer a oportunidade do Campeonato do Mundo, que lhes concedeu o pago das suas razoáveis recriminações contra o futebol italiano. Um humorista francês, à falta de melhor, e, provavelmente, porque é admirador do talento cénico da actriz Ingrid Bergman ou da sua beleza física, congratula-se com o desaire de S. Paulo. Em seu entender, a conquista da interprete de Joana d'Arc pelo encenador italiano Rossellini, lançou o anátema da opinião pública internacional sobre a moralidade da Mulher escandinava.

Nada mais justificado, portanto, que a vitória dos onze futebolistas nórdicos sobre os seus rivais mediterrânicos, um tanto enfatuados e seguros de si próprios, além da modestia. Claro, a lógica está fóra de causa, neste argumento peripatético do comentador francês, mas concordemos no efeito indirecto que a derrota da Itália pode ter produzido, por motivos bastante diferentes.

Conforme se sabe, os italianos teem comprado, a peso de dólares, os mais brilhantes futebolistas do país de Gustavo V. Sangrando, por este processo, o bolapê da pátria de Ling, e contra os sentimentos da opinião pública, provocaram uma espécie de despeito justificado, amplamente satisfeito com a vitória, merecida, que alcançaram na eliminação paulista.

A Vida está chela destas pequenas misérias, como de compensações imprevisíveis. Em suma, o regresso da equipa de Itália, não será triunfal como era possível, se atendermos à qualidade dos seus componentes. Resta-lhes, como consolidação, a hipótese de ter sido derrotada por uma força sobrenatural e niveladora de injustiças, no dizer dos próprios agentes dessa derrota.

★

QUAL será a reacção do povo inglês e dos dirigentes do seu futebol ante o fracasso do grupo representativo que jogou no Brasil?

Esta pergunta acode, naturalmente, a todos os espíritos e sobretudo a aqueles que consideravam os mestres da bola quase invencíveis, tanto pela qualidade do seu jogo de conjunto como pela alta capacidade dos jogadores seleccionados.

A derrota da Inglaterra em frente dos Estados Unidos, cuja cotação internacional se colocava abaixo de quase todos os restantes apurados, foi um verdadeiro lance de teatro, como nas antigas mágicas do Apolo ou do Trindade. Ora, bem vistas as coisas, o fracasso do grupo inglês estava na relação dos factos possíveis e admissíveis.

Que teem sido, nos últimos anos, os resultados contra alguns agrupamentos continentais? Pouco retumbantes (excluindo o do primeiro desafio do Estádio Nacional) e dispare. Ultimamente, conforme se presenciou em Lisboa, o team de Inglaterra foi pouco realizador junto das balizas contrárias, apesar dos números finais do marcador.

Resumindo: Não está em causa o primor da técnica mas a sua eficiência. Além disto, é cada vez menor o desnível entre o jogo dos britânicos e o de alguns países europeus e sul-americanos, como a Argentina e o Urugua.

Vendo atentamente os relatos dos desafios ultimamente disputados no Brasil, manifesta-se logo, e em primeiro plano, o número de ocasiões falhadas pelos dianteiros anglo-saxónicos em fases de golfe feito.

Sem exagero de bondade podemos achar explicação para estes e outros precalços; basta considerar o abastecimento de forma resultante do clima e da época em que se disputa a Taça Jules Rimet, quando a temporada futebolística já cessou por completo no Reino Unido.

A Espanha, pelo contrário, dispõe de excelentes marcadores. Os Galnzas, Zarras e C.º são fuzileiros de respeito; o guarda-redes foi felicíssimo na sua magistral cooperação e com tudo a favor — até o público, e esse factor tem enorme pujança — compreende-se o fracasso dos representantes da Football Association League.

Mas qual vai ser a reacção nas Ilhas Britânicas, principádos nós por inquirir? A primeira já se está notando e é a mais feliz: O Daily Herald publicou o anúncio do enterro do jogo da bola, com gracejos próprios e inofensivos, mas os dirigentes — para salvar o prestígio — são capazes de melodramatizar as circunstâncias e querer fugir por algum tempo a todas as grandes competições de carácter internacional. Se o fizerem o erro será enorme. Nos campos de desporto perde-se e ganha-se, conforme disse Rudyard Kipling no célebre poema «If», esmagando o impostor que vive dentro de nós, e a Inglaterra sabe-o como ninguém.

RAFAEL BARRADAS

# CURIOSIDADES

- A equipa de honra do Salgueiros, campeões distritais da I Divisão, vai ser oferecido um jantar de homenagem no próximo dia 15.
- Também ao dr. Cesário Bonito, que abandonou recentemente o seu lugar de Presidente da Assembleia Geral do F. C. Porto, vai ser dedicado um banquete. A comissão organizadora é composta pelos conhecidos desportistas Ivo Araújo, Luis Retumba, Pereira da Rocha e Sousa Pereira.
- Confirma-se uma notícia que demos há tempos: Antiso Morgado parte dentro de pouco tempo para a Beira.
- O F. C. Porto é finalista no Campeonato Nacional de basquetebol. Será seu adversário o grupo do Sporting Clube de Portugal, no próximo sábado.
- O engenheiro Alfredo Ferreira pediu recentemente a sua demissão de presidente do Salgueiros. A assembleia geral, efectuada na última 5.ª feira, sancionou o pedido.
- Lourenço, do Boavista e Francisco do F. C. Porto, partiram já para África.
- Não se fala por cá em gente nova. Tem-se anunciado, nos jornais, muita coisa. Mera fantasia, afinal.
- Jorge Vieira, antigo membro da Comissão Central dos Árbitros de Futebol, esteve recentemente nesta cidade.
- Continuam a turvar-se os ares duma importante colectividade portuense. O ambiente de desconfiança é cada vez mais forte.
- Arnaldo Borges, o homem que mais tem trabalhado, nos últimos anos, pelo progresso do atletismo nortenho, foi suspenso pela direcção do Futebol Clube do Porto. O caso tem sido comentadíssimo, pois mais uma valiosa dedicação se vê afastada intempestivamente.
- Vai ser prestada uma justa homenagem à equipa de andebol do F. C. Porto, pela 10.ª vez titular máximo da sua modalidade.
- Garantem-nos que depois do pedido de demissão do dr. Cesário Bonito — outros se lhe seguem: Ivo Araújo, José Dias Leite, Manuel Neves, Delfim Pinto da Costa, Teixeira Pinto, etc.

## MAIS UM CAMPEONATO DE ANDEBOL...

Este ano não se disputou um autêntico campeonato de andebol. Colocaram-se novamente em luta apenas os campeonatos regionais de Lisboa e Porto. Sporting Clube de Portugal e F. C. Porto. Venceu este novamente, continuando com o título que a briosa equipa leonina tanto deseja e não há meio de conquistá-lo...

Na verdade, a proeza do F. C. Porto, embora este ano manifestada com certa dificuldade, é digna de uma referência especial. Em 12 anos de prova, deixou apenas 2 títulos para dois clubes, «Cufs» e Belenenses, só pode estar ao alcance de equipas de muita e muita categoria.

Curioso, também, o facto do Sporting ter sido sem discussão o maior rival do F. C. Porto, na modalidade, e não ter conseguido ainda ganhar um título. Já era digno dele, pois nenhum outro, além do campeão, se mostrou mais categorizado que o Sporting.

Mas a luta é luta. Ainda há velhos nas duas equipas. — Fábilio e Alberto, no Porto; Mira e Almasqueira, no Sporting, que há muito são rivais e por certo amigos. No dia em que abandonarem o andebol, devem considerar-se compensados — sejam vencidos, sejam vencedores.

# na capital NORTE

## DR. CESÁRIO BONITO

**C**ONHECEMOS há muitos anos o dr. Cesário Bonito. Conhecemo-lo quando jogava ainda nos infantis do seu clube — o F. C. do Porto, e seguimos-lhe a carreira honrosa e digna: saltou para as categorias maiores, até chegar ao grupo de honra. Formado em medicina, Cesário Bonito começou por prestar serviços à sua colectividade. Como era amador no futebol, o dr. Cesário Bonito quis continuar amador, mesmo no exercício... da sua própria profissão!

Feito médico do seu clube, não recebia dinheiro. No seu consultório cabia sempre um atleta, um sócio, um amigo, um dirigente. A todos atendia o Cesário. Além disso, eleito Presidente da colectividade que servia desde os bancos da escola, nem um só momento deixou de se lhe dedicar com muito entusiasmo e competência. A questão do Campo de jogos, por exemplo, mereceu do dr. Cesário Bonito muito e devotado cuidado, podendo dizer-se abertamente que lhe deu o maior e mais decidido impulso. Tudo se transformou num repente, graças à sua iniciativa admirável. As assembleias gerais que provocou, aplaudiram-lhe a obra, o feito dinâmico, os nervos de aço.

Depois de cumprir com o seu dever, o dr. Cesário entregou a continuação dos trabalhos em boas mãos: nas do dr. Miguel Pereira, outra alma incansável. Foi eleito presidente da Assembleia Geral do seu clube — o posto mais distinto e conquistado à custa de uma acção cansalosa. Mas... espregueitou-o de perto a inconveniência directiva, uma inconveniência que se tem consumido agora no papel de afastar boas dedicações, sinceras amizades — gente que serve o clube há velhos anos.

O dr. Cesário Bonito, o médico que não percebia vencimentos — foi afastado. Digno e desportista, afastou-se também do lugar que os seus consócios lhe entregaram: — o de Presidente da Assembleia Geral.

Mas pode o F. C. do Porto,

a gente boa do F. C. do Porto, que bastante e, felizmente, consentir no afastamento de um desportista de fina água, de um elemento que o acompanha desde a meninice, atleta, médico e dirigente? Como é possível?

Sabemos que lhe vai ser demonstrada toda a simpatia em que é tido por uma comissão de desportistas. Ao dr. Cesário Bonito será oferecido um banquete de homenagem, afinal motivo para uma reunião que possa vincar o desgosto, o protesto pela desalegância e má paga dos seus serviços.

Isso não bastará. A atitude não pode passar em julgado, porque o dr. Cesário Bonito não é um desportista «qualquer», não apareceu nas fileiras do F. C. Porto por acaso, por vaidade ou conveniências pessoais. Mesmo à margem do acontecimento. Mesmo vendo o assunto de fora para dentro, magoá quem conheça o desportista e saiba quanta injustiça se verteu na decisão que o atingiu.

Costumamos colocar sempre a nossa pena ao serviço de causas justas. Não nos deixamos conduzir neste caso pela amizade pessoal. Todos os desportistas de boa raiz sabem que não se pode nem se deve menosprezar o esforço de quem vive para o clube em todos os momentos difíceis — e outra coisa não tem feito Cesário Bonito.

Nos meios desportivos portuenses todos comentam desagradavelmente a atitude que o melindrou a ponto de se afastar assim; e não pode o comentador desviar-se do caso, fazer ouvidos de mercador, — mesmo que na sua estrutura geral a decisão pertença única e exclusivamente ao âmbito clubista. Há coisas que não podem ficar sem reparo, sem censura, e esta de se assistir ao abandono de um elemento ligado a tanta obra criteriosa e honesta custa ao mais indiferente.

Claro que se conta com o bom senso da grande massa simpaticante do F. C. Porto. Essa dirá na altura própria a última palavra!

## COMISSÃO CENTRAL DOS ARBITROS

Para a Comissão Central de Árbitros, em substituição de Manuel Monteiro, que há muito lhe pertencia, emparecendo com o dr. Virgílio Paula, e Jorge Vieira, foi agora nomeado Reinaldo Torres, que ocupava o lugar de presidente da Comissão Regional.

O cargo está bem entregue. Embora seja de defender um ponto de vista diferente, aquele ponto de vista que manda entregar a direcção das arbitragens aos árbitros, deve considerar-se Reinaldo Torres bem colocado na Comissão Cen-

tral. Oxalá, até, que se desempenhe da sua nova tarefa de modo a prestigiar a Causa, evitando-se tanto quanto possível uma série de casos aborrecidos a que assistimos em épocas passadas.

Neste final de época, fez-se, já algum «sangue», eliminando árbitros. É lamentável que tenha sido necessário chegar a estes abusos, e fazamos sinceros votos pela regularidade na próxima época.

Entretanto, desejamos que Reinaldo Torres possa cumprir como se torna preciso. O Porto, também o Norte, tem sido pouco felizes...

## O 34 protesta!

O batalhão era grande. Batalhão aguerrido mas disciplinado, de antes quebrar que torcer — como nos dizia o erudito Sá de Miranda. Mas a certa altura faltou um — o 33. A equipa sentiu a queda do legionário amigo e digno, mas a vida cede o lugar à morte, e nada havia a fazer.

Era preciso, porém, preencher a vaga. À chamada do batalhão, todo clubista, vibrante e unido, não podia saltar-se do 32 para o 34. Claríssimo. Eis senão quando, um lá do fim, ligeiro, supondo-se Deus, resolve sair da coluna e meter-se no lugar desaparecido. Não se daria pelo acontecimento, porque os mortos não regressam, infelizmente...

Mas o 34 protesta! O 33, o lugar 33, pertence-lhe inteiramente.

— Que é lá isso, Senhor? Volte para o seu posto. Não atropеле — que este batalhão é de todos e deve ser dado o seu a seu dono! Seja comedido e... obedeça à voz dos números!

Protesta o 34 e protestam todos os outros até à carreira dos milhares!...

Ou não será assim?

## Distracções condenáveis...

Há dias, uma equipa conhecida andou lá pelo Norte do país, a fim de jogar futebol. A sua popularidade é grande, o seu nome impõe-se ao respeito dos desportistas. Foi recebida, por isso, em determinada terra, pelas autoridades locais, por muitas figuras de representação. Como se esperava.

Foram-lhe dadas as boas-vindas — o Presidente da Câmara e todos os demais com o chapéu na mão. Ficou apenas um chapéu na cabeça: na do director do clube visitante...

Mas a esta distração seguiu-se outra. O mesmo director, como todo o dirigente que se preza, resolveu ir de automóvel à sua terra, que ficava a uns quilómetros de distância do local onde a sua equipa deveria jogar. É preciso demonstrar que se tem categoria: ou mantendo o chapéu na cabeça, ou viajando de automóvel. Tudo muito certo. O pior, porém, é que o grupo queria equipar-se, à hora do jogo — e as camisas, os calções e... o resto, andavam de automóvel lá por longe!

Assinem a  
«STADIUM»

# GRANDE MANIFESTAÇÃO DO BENFICA

## APOTEOSE DE UMA ÉPOCA

Carlos Alberto Pereira da Rosa, administrador do «Século», discursa e faz a entrega da Taça Monumental ao Benfica



A mesa de honra do banquete a que presidiu o sr. Ayala Boto e em que tomaram assento grãdas figuras do Benfica e representantes de Federações, Associações, Clubes e Imprensa

**M**AIS do que a homenagem aos seus campeões aquela enorme reunião de sábado no Benfica foi uma apoteose à sua grande popularidade e prestígio desportivo. Foram mais de mil as pessoas que se juntaram nessa reunião de elevado espírito benfiquista, de certo modo prestigiando o próprio desporto, a sua força, a realidade de um clubismo dedicado e fervoroso.

Foi a festa dos campeões do Benfica, foi a festa do próprio Benfica, vivendo ainda merecidamente as suas belas vitórias e tudo se converteu numa festa simpática. Houve entusiasmo puro, subiu ao rubro — como a cor da sua bandeira — a animação, quer quando se cantou o hino do Benfica ou quando discursaram Ribeiro dos Reis, Francisco Retorta ou o popular Xico Ferreira.

No meio daquelas mil almas benfiquistas destacava-se a figura do sócio n.º 1, António Sobral Junior era a águia imponente representativa de uma actividade prestigiosa a que aqueles campeões de hoje davam maior vida e continuidade no triunfo.

Estavam todos os do Benfica. Não deve ter faltado ninguém. Antigos e os mais jovens rodeando os campeões. Um clamor entusiástico, vibrante, envolveu sempre a grande festa. Os olhos viam embevecidos as três formosas taças que com honra e brio desportivo o Benfica conquistou. A do Campeonato Nacional, a miniatura da Taça Latina e a imponente e monumental taça «O Século», sobressaindo de um conjunto de bandeiras e galardões do Benfica onde havia palmas dotradas — prêmio justo ao Benfica e seus campeões.

Produziram-se, entre ovações constantes e vivas calorosas ao Benfica, discursos vários, todos põem em destaque a grandeza e o prestígio do clube — o poderoso baluarte do desporto português — como afirmou o tenente-coronel Ribeiro dos Reis.

Mas todos salientaram da forma mais convincente a importância daquela festa e o seu excepcional significado. E houve sempre motivo para aplausos delirantes, como quando se apontaram nomes de ontem que ainda hoje actua na primeira fila como António Sobral, Ribeiro dos Reis, José Simões, Joaquim Bogalho, Alfredo Piedade e Manuel Afonso.

Produziram-se afirmações de fé e de regaço: — Felizes as colectividades que como o Benfica têm um passado para glorificar o seu futuro. Ou apontou-se a grande reunião como um exemplo: — Esta reunião da família do Benfica, a imponência desta manifestação, remana pela sua grandiosidade todos os descontentes.

Mas terminava-se sempre com alegria: — Hoje como sempre, com calor, com entusiasmo, com o coração e a alma, a diáspora a todo e toda, a todo o Império: Viva o Benfica! E uma recordação pelos benfiquistas que não estão em Lisboa: — Os benfiquistas do Porto estão com os de Lisboa como estão com os de todo o Império. E arrancando ovação enorme: O Benfica é do povo e para o povo. Todos cabem dentro dele. Queremos e havemos de ser sempre os melhores do Mundo!

E foi sempre assim pela noite fora, numa noite de vibrante e caloroso aplauso ao Benfica e aos seus campeões e atletas — mais uma jornada admirável de consagração e de fé clubista.

Um aspecto geral do banquete aos atletas campeões do Benfica que reuniu mil convivas e que se realizou no rink de patinagem da Sede, em Benfica



O tenente-coronel Ribeiro dos Reis, presidente da assembleia geral do Benfica, afirma: — Felizes as entidades que, como o Benfica, podem ter um passado para glorificar o futuro!



O sr. dr. Faço Viana, pela Federação, ao fazer a entrega da Taça e das medalhas do Campeonato Nacional ao capitão do grupo de honra Francisco Ferreira

